Anno de 1844. **Quinta Feira 25 de Janeiro** **Anno XX. N. 20.**

O Diario publica-se todos os dias que não forem santificados: o preço da assignatura he de tres mil rs. por quartel pagos adiantados. Os annuncios dos assignantes são inseridos gratis, e os dos que não forem á razão de 80 reis por linha. As reclamações devem ser dirigidas a esta Typ., rua das Cruzes n. 34, ou a praça da Independencia loja de livros n. 6 e 8

PARTIDA DOS CORREIOS TERRESTRES.

Goianna, e Parahyba, segundas e sextas feiras.— Rio Grande do Norte, quintas feiras — Cabo, Serinhaem, Rio Formoso, Porto Calvo, Maceyó, e Alagoas: no 1.º, 11 e 21 de cada mez — Garanhuns, e Bonito a 10 e 24 de cada mez — Boa-vista e Flores a 13 e 28 dito.— Cidade da Victoria, quintas feiras.— Olinda todos os dias.

DIAS DA SEMANA.

22 Seg. s. Vicente Aud. do J. de D. da 2. v.
23 Terça s. Ildefonço Rel. aud. do de D. da 3. v.
24 Quarta s. Thimotheo. Aud. do J. de D. da 3. v.
25 Quinta s. Ananias. Aud. do J. de D. da 2. v.
26 Sexta s. Policarpo Aud. do J. de D. da 2. v.
27 Sab. s. Vitaliano. Rel. aud. do J. de D. da 1. v.
28 Dom. s. Cyrillo s. Leonides

Tudo agora depende de nós mesmos; da nossa prudencia, moderação e energia: continuemos como principiámos, e seremos apontados com admiração entre as nações mais cultas.
(Proclamação da Assembléa Geral do Brazil.)

CAMBIOS NO DIA 24 DE JANEIRO.

			compra.	venda.
Cambios sobre Londres 26 nominal.	Ouro-Moeda de 6,400 v.		17,000	17,200
» » Paris 370 reis por franco	» »	N.	16,600	16,800
» » Lisboa 11 por 100 de premio	» » de 4,000		9,200	9,400
	Prata-Patacões		1,940	1,960
Moeda de cobre 80 por.	» Pesos columnarios		1,940	1,960
Idem de letras de boas firmas 1 a 1 1/4 %	» Ditos Mexicanos		1,940	1,960

PHASES DA LUA NO MEZ DE JANEIRO.

Lua cheia a 5 as 3 horas e 13 min. da tarde | Lua nova a 19 as 3 horas e 57 min. da tarde
Minguante a 12 as 7 horas e 10 min da tarde | Crescente a 27 as 10 h. e 10 m. da manhãa

Preamar de hoje.

Primeira as 9 horas e 18 min da manhãa. | Segunda as 9 horas e 42 minutos da tarde

DIARIO DE PERNAMBUCO.

EXTERIOR.

Discurso de M. de Lamartine sobre a grande questão agitada actualmente em França entre a universidade, e o clero.

O ESTADO, A IGREJA, E O ENSINO.

Temos sempre pensado, que a questão do ensino não tinha solução, em quanto não se resolvesse a questão religiosa. Uma contém-se na outra, como a alma no corpo. O que ha algum tempo tem occorrido, cada vez mais nos convence d'essa verdade. Queremos dizer uma palavra á tal respeito. Porém treme na mão a penna, quando se quer tocar n'um assumpto tão grave, e tão santo. Teme-se até aggravar o mal, que se quer curar. D'uma parte a religião, este primeiro mysterio do coração humano, cujo véo nem se quer é licito erguer, para não violál-o, com a vista; d'outra parte a rasão, esta revelação permanente de Deos, cujos direitos não é dado sacrificar á respeito algum. D'uma parte a igreja, esta patria das almas, esta sociedade dos fieis, á quem releva deixar livre a administração dos seus dogmas, e das suas practicas; d'outra parte o estado, esta sociedade suprema, esta igreja do tempo, esta communhão de todos os cidadãos, que subordina tudo á sua fé social, excepto o mesmo Deos. Ninguem ousa atravessar tantos perigos, e se não fossemos impellidos pela consciencia, Parariamos ao primeiro passo, e diriamos a Deos, e ao tempo: «Acabai vós mesmos a vossa obra, nós não podemos intervir n'ella. Subsista ainda por seculos este abuso! Assim tem vivido o mundo até hoje, e viverá ainda muito mais.» Porém, quando reflectimos, que este abuso é igualmente oppressão da consciencia, mentira do ensino, aviltamento do estado, abdicação da rasão, causa do scepticismo, que acommette o homem na passagem da infancia á mocidade, confusão da fé, perda das almas, e extinção da moral entre numerosas gerações, e quando nos convencemos, ao mesmo tempo, de que o sentimento religioso é tudo para o homem, que Deos é o fundamento de todas as cousas, e que as sociedades humanas não teem outro fim serio, senão chegar á Deos pela luz, e pela virtude, manifestál-o, e servil-o; então não hesitamos mais, e sem embargo do risco de magoarmos alguns preconceitos, e de suscitarmos algumas prevenções, dizemos com prudencia, o que crêmos ser verdade. ao nosso paiz: « Em materia de ensino, e de religião, estamos em falso. E porque estamos em falso? É porque não estamos em liberdade! » Não, crentes, ou scepticos, catholicos, ou dissidentes, christãos, ou racionalistas, estado, ou igreja, nem uns, nem outros estamos em liberdade. Nós nos incommodamos, nós nos constrangemos, nós nos opprimimos reciprocamente, e opprimindo-nos, opprimimos alguma cousa mais sagrada, do que nós: a verdade! Sim, a divina verdade, que suffocamos no nosso falso abraço, e da qual sacrificamos todos alguma parte á nossa apparente concordia. Cumpre, ou sacrificál-a de todo, ou separarmo-nos Não ha mais meio termo: Deos soffre em nós.

Fôrão as religiões, que fizerão ao principio as sociedades. As leis erão dogmas. O estado era servo da igreja, ou do sacerdocio. Um ordenava o que o outro ensinava. Uma crença unanime, ou que tal se reputava, era a alma da socidade. O seu direito, e o seu dever erão então transmittir essa crença á todos os filhos da nação Nada mais simples. Esta magnifica logica do estado, que ensina só, tornará a apparecer um dia no mundo, quando uma fé quasi unanime tiver reformado o espirito humano. Faça Deos approximar esse dia! Á sociedade terá então a sua verdadeira fórma: a sociedade será religião.

A principio o raciocinio philosophico, depois os schismas, e a refórma, a final a revolução franceza, a degeneração, e a individualidade das crenças mudarão tudo. Passou-se á um systema mixto, que se chamou tolerancia O estado ainda tinha o seu culto, e o seu ensino, como estado; só não obrigava mais os cidadãos sob pena de morte, ou de desterro á crêrem, e a dizerem o mesmo, que elle. A assembléa constituinte emancipou mais completamente as crenças, e o ensino; depois a convenção disse: « *O culto aos cidadãos! mas o ensino á familia, mas o exame da aptidão para as funcções civis ao estado!* Se ella não tivesse levado o furor da liberdade até a perseguição, e a morte, ficarião fundadas n'aquelle dia a liberdade de crença, e a verdade de ensino. Napoleão, esse grande destruidor de todas as obras da philosophia, apressou-se á derribar essa liberdade, fundamento, e alma de todas as outras. Elle refundio de novo a igreja no estado, e o estado na igreja; fez passar o poder civil por uma sagração; fez uma concordata; declarou uma religião nacional, e por isso mesmo tambem um ensino: *instrumentum regni*! Vendeo por falso peso o seu povo á igreja, e depois a igreja ao seu povo. Esta grande simonia edificou os credulos, e escandalisou os verdadeiros fieis. Toda a contra-revolução do espirito humano estava n'este acto. A verdadeira philosophia, e a verdadeira religião nunca devem perdoar-lh'o. Este acto retardou talvez por um seculo o reinado das almas, que se approximava. A restauração colligou-se fortemente com uma religião do estado A igreja, e o throno, vivendo do mesmo principio, entrelaçárão debaixo da terra as suas raizes. Ellas sentião se viver, e morrer juntas. A revolução de julho, depois de ter mostrado brutamente um odio violento contra a igreja, acabou por proclamar um *contrasenso* (non-sens) uma religião da maioria n'um estado, que se dizia dos cultos livres. A religião tremeo, gemeo, escondeo-se por alguns dias como perseguida; logo depois cobrou animo, alçou a voz, encheo os seus templos, contou as suas fôrças, triumphou de uma reacção feliz do sentimento religioso nas almas, que precipitava a multidão aos pés dos altares; depois tornou ella a queixar-se com amargura, e hoje finalmente ameaça com fulminações.

De que se queixa ella? Eeis-aqui. Diz ella, que lhe tirão a faculdade de ensinar, que lhe roubão a sua mocidade, e que um corpo rival, que é uma especie de igreja secular do ensino, a universidade, que representa o estado, usurpa os seus direitos, corrompe as suas doutrinas, e lhe impõe condições de superintendencia, o de exame, que não a deixão dominar tudo sem inspecção, e ensinar tudo sem partilha. São estas queixas bem fundadas? Sim, é certo, que a universidade molesta a igreja: primeiramente, por existir; em segundo lugar, por exercer sobre os discipulos da igreja um direito de exame, antes de admittil-os as funcções civis, para as quaes o estado encarregou-a de verificar a aptidão dos cidadãos

A universidade da sua parte diz, com rasão á igreja « Eu não me intrometto nos vossos dogmas, deixai-me os meus principios. Pelo duplo poder da religião, e dos *budgets* ecclesiasticos, arrastais tudo para vós. Tomai o Céo, e deixai me o seculo, elle me pertence »

Entretanto o estado soffre, e humilha-se; a mocidade, recebendo um duplice ensino contradictorio, e empuxada em sentido contrario pela philosophia, e pela fé, acaba por cahir no scepticismo, morte da alma. Isto faz estremecer sobre a sorte do espirito humano. Entretanto, em que virá á dar isto, e haverá algum remedio á este estado de cousas? Não. E porque? porque o estado actual não é verdadeiro, nem para o estado, nem para a igreja; porque ambos teem rasão, e sem rasão de se odiarem, e de se queixarem; e porque n'um estado falso por mais, que se diga: paz; não ha paz. Este estado é uma especie de transacção impossivel contra a igreja, e o ensino secular, transacção, cujo arbitro é o governo.

Esta transacção, em si mesmo, está longe de ser iniqua, e oppressiva contra a igreja; mas a igreja é uma corparação, que por sua natureza não póde transigir. A sua soberania está na consciencia. Ella não póde, nem deve conceder cousa alguma. A sua fé não é della, mas de Deos. Ella crê, não discute. No systema actual da transacção, vejamos a sua situação, d'ella, que pede a liberdade!

A sua situação, ei-la: ella é a unica grande associação autorisada, protegida, e assalariada no paiz; uma nação n'uma nação, um estado no estado; uma sociedade separada da sociedade civil, e quasi tão numerosa, como todo o povo. Ella tem uma administração reconhecida, e mixta, meia ecclesiastica, meia civil, com suas demarcações provinciaes, que são os bispados, e suas subdivisões territoriaes, que são as parochias. Ella tem os seus grandes dignitarios, os cardeaes pagos, e acreditados pelo estado nos conclaves. Ella tem dous soberanos, um temporal, o rei; outro espiritual, o papa; e apoiando-se alternativamente no soberano contra o papa, como Bossuet contra Luiz 14, ou no soberano espiritual contra o rei, como o arcebispo de Cologne, póde intimidar um pelo outro, e tomar grandes liberdades contra ambos, como as liberdades da igreja galicana. Ella tem um pessoal de oitenta mil ministros dos cultos, desde esses curas, providencias pias, que vão residir em todos os pontos habitados do sólo, para serem pais de todos os que nascem, irmãos de todos os que vivem, anjos de todos os que morrem, até esses enviados da fé que vão semeal-a pela palavra por toda a parte, onde ella definha, e até essas ordens religiosas, que fórmão uma cadeia, não interrompida, de influencias, e de ensinos desde os ouvidos dos reis até as barras dos indigentes, como os jesuitas. Ellas possuem todos os templos, todas as cathedraes, todos os capitulos, todos os edificios, todos os bispados, todos os seminarios, doados, dotados, reparados, mantidos á custa do estado. Elles teem autorisação para reunir, e instruir todos os mancebos que puderem conter nos seus grandes seminarios, onde predispõem os meninos pobres, ainda antes da idade das vocações sensatas. Elles são isentos dá conscripção, imposto de sangue para todos aquelles que declarão pertencer-lhes. Elles teem os coadjutores, padres auxiliares para os estabelecimentos pios, e parochiaes. Elles teem as innumeraveis corporações de homens, e mulheres que vivem do espirito, e que recebem as inspirações d'elles, como uma só alma. Elles teem as fabricas, as rendas, e a livre administração d'ellas. Elles teem o estipendio de trinta milhões, tirados dos impostos, e pagos pelo estado ao culto catholico. Elles teem a renda casual, e as missas, que por todo o imperio não pódem avaliar-se em menos de dez milhões. Elles teem vinte mil bolsas de seminaristas, pagas pelo estado para recrutamento do clero. Elles teem a isenção do imposto universatario para os seminarios pequenos, e grandes. Elles teem mais de cem milhões de bens de mão morta, pertencentes moralmente á igreja, pelas corporações, que os possuem. Elles teem de mais o inexhaurivel, e voluntario imposto das esmolas, que não lhes fica nas mãos, mas que passa por ellas, e que lhes compra os pobres com o dinheiro occulto de Deos. Elles teem tudo aquillo, que nós não sabemos, e esse imperio mysterioso das consciencias, que a lei lhes deixa com respeito. Elles teem o direito de reunir o povo em massa, e de fallar-lhe sem censura. Elles teem o dominio moral das familias por via das mulheres, e das mãis. Eis-ahi a verdadeira situação do clero catholico em Franca hoje! Ella é tal que se nos déssem a escolha entre estas duas condições, estas duas organisações, e estes dous poderes, o poder do estado, ou o do clero em França, não hesitariamos sem preferir o do clero. Elle é mais poderoso do que o mesmo estado; e de mais, elle é eterno e sagrado!

Para contrapesar esta omnipotencia de propagação, e de influencias legaes, este poder, quasi exclusivo, do paiz moral concedido á igreja, o que tem o estado? Tem um ministerio do ensino público, dirige uma corporação secular instructora, chamada universidade, e dotada sómente com cerca de onze milhões, quarenta e seis collegios reaes, duas mil duzentas e cincoenta bolsas, trezentos e doze collegios parochiaes com quatrocentas e oitenta e uma bolsas. Elle tem mais o direito de inspeccionar as casas de ensino, e o encargo de examinar todos os alumnos que acabão do ensino livre, antes de declaral-os aptos para certas funcções públicas, excepto aquelles, que declarão destinar-se para estado ecclesiastico, cuja inviolabilidade só por este titulo se respeita.

Eis-ahi a situação reciproca da igreja, e do estado em materia de ensino, e de influencias constituidas. Eis-ahi a pretendida liberdade, eis-ahi a pretendida igualdade! Qual será o espirito imparcial, que não reconheca, que, a ser possivel a transacção, seriaõ em favor da igreja todas as condicões de predominio, e que ella, bem longe de ter direito a queixar-se, devêra de concentrar em sua alma a sua alegria, e gosar em silencio de um imperio, que a fé lhe deve nas consciencias, que a lei lhe dá nos templos, que os costumes lhes dão no lar domestico, que o privilegio lhe dá nos seminarios, no ensino, nas corporações, e finalmente o que o *budget* lhe dá na riqueza relativa. Porém ella não se contenta com isso, e tem rasão, porque é impossivel a transacção entre aquelle, que deve pretender tudo, e aquelle que não póde tudo conceder.

Ora, por que rasão se tinha tentado esta transacção, e esta partilha impracticavel do imperio entre a igreja, e o estado? Eil-a. Era porque o amor da verdade tinha cedido, na igreja, e no estado, ao amor da paz. Era porque nem uma nem o outro tiverão bastante boa fé, para se resolverem a viver, na sua independencia, a igreja da sua fé religiosa, o estado da sua fé civil, e porque disserão tacitamente entre si. » Alliemo-nos para subsistirmos de parceria. Vós, igreja, emprestai-me o vosso ascendente religioso para moralisar, e disciplinar os povos! Vós! estado, emprestai-me a vossa autoridade moral, a vossa administração, a vossa igualdade, e os vossos subsidios pecuniarios para manter o meu dominio sobre as almas, e para perpetuar o meu estabelecimento temporal.» Era uma fraqueza da parte da igreja, e tambem uma fraqueza da parte do estado.

Simonia de ambas as partes!

Comprehendem-se estas duas fraquezas. A igreja acabava de soffrer uma perseguição, e tinha-se por feliz, de se amparar modesta, e docil á sombra do poder civil, que lhe offerecia protecção. O estado acabava de luctar com a anarchia, e devia remontar com ardor á fonte de toda a ordem, e de toda a moral, a religião. A união era profana da parte da igreja, hypocrita da parte do estado, faltava-lhe ao mesmo tempo boa fé, e rasão; mas era politica. Fez-se. Podia ella durar, sem que a rasão fosse sacrificada á igreja, ou a igreja constrangida pelo poder civil? Podia ella durar, sem que o estado, ou a igreja fossem absorvidos um pela outra, ou sem que uma guerra intestina, e surda se declarasse entre os dous poderes? Certo que não; e é o que hoje começamos a vêr. A igreja diz: o culto é a fé; a fé é o ensino. Vos me desteis o culto, deveis-me o ensino. Nada mais rigorosamente logico.— O estado diz: o ensino é o homem; o ensino é o espirito humano. Se vos entrego o ensino, entrego-vos o homem, entrego-vos o espirito humano, entrego-vos toda a civilisação inteira; n'uma palavra, abdico. Todavia fica-me ainda um certo escrupulo. Apraz-me entregar-vos os nove decimos d'elle: apraz-me entregar-vos, por exemplo, todo o ensino religioso, todo o ensino domestico, todo o ensino popular, todo o ensino dos primeiros annos do homem até os dezeseis; porem deixai-me o ensino transcendente, o ensino público, o ensino, para assim dizer, civil. Pertence-me ao menos este. — Responde a igreja: Não. O espirito é vosso; mas eu respondo pelas almas. Se não me deixardes exa-

minar as vossas doutrinas, e fiscalisar a fé dos vossos professores, recuso o concurso, separar-me-hei de vós, não vos prestarei mais o meu ministerio nos vossos collegios. — E ainda aqui a igreja consciencioza, e convencida, tem rasão; porque se ella crê, não póde representar uma comedia sagrada, apoiando com a sua presença ao estado n'uma obra que ella diz ser a perversão da sua fé, nem cobrir condescendente com o seu manto as fraudes do ensino philosophico que lhe rouba as suas almas entre o pulpito, e o altar. Isto é indigno d'ella! E zombar dos homens, é traficar com os filhos, é vender a Deos! Os seus ministros o conhecem, e protestão em quanto batem. A politica póde affligir-se, a fé não póde deixar de applaudir-se, e a rasão não póde deixar de congratular-se d'isso. Estes ministros são respeitaveis na sua vigilancia, estão no seu direito perante Deos. Só esquecem uma cousa, e vêm a ser que na falsa posição que acceitárão, não estão no seu direito ante o estado. Querem fazer uso da sua liberdade, e não são livres. Fizerão um pacto com o estado, e recebem uma *sancção e thesouros* do poder civil. Os contractos são reciprocos Quando se consente em receber, consente-se em dar. Quando se tem alienado uma parte da liberdade por um salario, ella não fica mais inteira. Se o estado está de mãos atadas, vós tambem o estais! Se vos deve as cathedraes, os bispados, os trinta milhões de subsidios religiosos, os vinte mil seminaristas, os cem milhões de propriedades de mão morta, a nomeação para as dioceses, a execução da concordata, a protecção das vossas ceremonias públicas, o imperio incontestavel da familia, e o reinado pela fé, vós lhe deveis o culto. Eis-ahi o contracto. De duas uma: ou deveis rescindil-o, ou cumpril-o. Se o cumpris, abdicais uma parte da fôrça, e da dignidade da vossa fé; tendes outro senhor sem ser Deos, contais com o rei. Se o rescindis, renunciais a fôrça dos homens para vos aterdes á fôrça de Deos. Vejamos o que é melhor para vós, para o estado, para a fé, para a rasão, para a consciencia, para o ensino, para a moral humana; se esta união politica que prende o estado á igreja, a fé á rasão, a tradição ao exame, o movimento á immobilidade; se a emancipação livre, e completa dos dous poderes.

E' cousa estranha, que, ha cincoenta annos, tenhamos dado a liberdade á todo o mundo, excepto á Deos!

Que remedio ha? perguntará alguem; porque em fim é mister haver algum. Os palliativos não são remedios: encobrem o mal, e empeiorão-no. Como tornaremos nós a entrar pouco a pouco na triplice verdade da religião livre, do estado soberano, e do ensino sincero?

Duas fôrças oppostas regem o mundo moral: a tradicção, e a innovação; aliás chamadas autoridade e liberdade. Ellas são no mundo moral, o que são a attracção, e a projecção no mundo physico. Ellas os conservão ao mesmo tempo em equilibrio e movimento. A religião estabelecida é a mais respeitavel das tradições, e o seu caracter divino lhe faz até contrahir a immutabilidade, que não pertence a cousa alguma humana. A rasão, o exame, a discussão, a liberdade são as fôrças da innovação; o seu poder, em vez de estar na immutabilidade, está pelo contrario na sua perpetua investigação, e na sua transformação continúa. Ellas são as azas do mundo moral, de que a tradição é a regra, e o peso. Estas duas fôrças, aos olhos do homem de estado religioso, merecem igual respeito; porque ambas são de Deos. E se o homem de estado nas suas legislações imprudentes faz perder o equilibrio á uma ou á outra d'estas fôrças, desconcerta o mundo intellectual, e infringe uma das leis da providencia. Com a religião se encontrão as mais das vezes o espirito de disciplina, de obediencia, de conservação, a regra dos espiritos, o freio das almas, os bons costumes, as obras de caridade, a virtude desinteressada, o apego aos homens até o sacrificio, a devoção a Deos até o martyrio! Mas tambem os erros, as superstições, as fraquezas de espirito, as usanças do pensamento, as credulidades pias, as dúvidas, as trevas, os fantasmas da infancia, do tempo, antigos trajes do passado, de que os cultos não gostão de despir-se, porque fazem parte, como diz Boussuet, da sua *antiguidade*, e por conseguinte do seu respeito, e do seu credito sobre a imaginação dos póvos. Com a innovação acha-se em geral mais sciencia, intelligencia, rasão, luz, perfetibilidade das faculdades do homem; porém tambem mais incertezas, espirito de systemas, temeridades arriscadas, afoutezas apaixonadas, e ambições febricitantes, promptas a derribar tudo para dar lugar ás ideias novas, e aos novos homens, ainda mesmo sobre ruinas. E entretanto estas duas fôrças são igualmente necessarias. Com a ideia immobilisada n'uma instituição immutavel, mirra-se o pensamento humano por falta de renovação, entorpece-se a humanidade, a sociedade, ou a nação cahe em lethargo, ou em escravidão. Com a innovação só, precipita-se a sociedade, e cahe desfeita em pó pela acceleração desordenada, e sem contra-peso do pensamento. Eis a tradição, e a innovação, a outoridade, e a liberdade, a religião, e a rasão. Estas duas fôrças hão mister de ser representadas, e servidas em sua justa medida. Mas quem se ha de encarregar de as representar; e de as servir ao mesmo tempo na proporção real do seu direito, e da sua fôrça? Estes dous poderes são antipathicos entre si, e inconciliaveis por natureza. Como poderião elles ter o mesmo representante? O estado, ou o governo pretende poder represental-as. Pretende-o, sim; mas não o póde fazer, ou só o poderia trahindo-as ambas, sacrificando alternativamente a rasão á religião, ou a religião á rasão, sendo as suas tendencias momentaneas, e arbitrarias, fazendo a lei do sacrilegio, como em 1822, e quebrando a cruz, como em 1830! Entretanto, é esta a nossa situação actual, em quanto á religião é ao ensino. Poderá ella durar muito tempo sem comprometêl-os ambos, e sem aviltar o estado? E primeiramente como chegou o estado á tal ponto de audacia, e de semrasão que ousasse dizer d'uma vez, em nome de alguns cidadãos sem titulo divino, reunidos n'uma camara: «Vou fazer justiça distribuitiva á religião e á rasão humana, a Deos, á consciencia, ao espirito humano, de sorte que ninguem tenha de que se queixar. Á esta tanto de ensino catholico, quanto áquella de ensino philosophico! á Deos tanto de culto, quanto ao seculo de impiedade! Isto se escreverá em lettra redonda no meu *budget*. Dividir-se-ha, em francos, e centimos, e todos ficarão contentes!» Irrisão das cousas tres vezes santas da religião, e da rasão!... A parte de Deos? ó homens ridiculos! É elle, que a toma para si em nossas almas! Todo o lugar que tomardes n'ellas em nome do estado, é á elle, que o usurpais. Retirai-vos dos nossos pensamentos! elles não pertencem á lei! Tirai-vos do sol de nossas almas, vós nol-o manchais com o vosso ouro, e nol-o eclipsais com as vossas mãos! Eis-aqui todavia o raciocinio bem simples, e bem desculpavel do estado. Elle metteo a mão na sua consciencia, e disse comsigo: « Eu não tenho fé; entretanto hei mister de alguma á todo o custo, d'uma fé, politica ao menos; porque li na historia, que todos os governos antigos tinhão uma fé nacional; li nos publicistas, que o povo devia absolutamente ter uma religião sensivel; e de mais li nos sophistas, que não havia religião, sem ceremonias, e sem culto official! (Como se a alma não fosse um santuario, onde se pudesse preencher entre o homem e Deos, entre o sacerdote, e o fiel, o santo mysterio da fé, da adoração, e da communicação com Deos!) Finalmente, bem ou mal, li tudo isto, e quero uma fé legal, e um ministerio dos cultos, assim como tenho um ministerio da agricultura e das obras públicas. O povo, que eu governo, não tem tambem fé unanime: uns acreditão n'isto, outros n'aquillo; estes em alguma cousa, aquelles em nada absolutamente. Não posso ter tantas religiões, como este povo, isso me ficaria mal: a uniformidade administrativa do meu ministerio dos cultos ficaria muito variada com isso. Vou primeiro escolher dous ou tres dos mais antigos, dos mais visiveis. A' esses reconhecerei eu, até os assalariarei, e regulamentarei. Aos outros direi, que não existão. Religiões novas? portas fechadas! — Será como em botanica, *genero incognito!*»

Partindo d'estes tres bellos principios, cada um dos quaes é uma mentira, o estado julgou dever, e poder em boa consciencia politica dizer aos catholicos: « Vou fazer catholicismo para vós!» aos dissidentes: « Vou fazer protestantismo para vós!» ao seculo racionalista: « Vou fazer ensino philosophico para vós!» e a todos os outros pensamentos religiosos nascidos, ou por nascer: « Vou fazer oppressão contra vós!» Elle devêra limitar-se á dizer: « Vou fazer liberdade para todos: não sou Deos, sou o estado; não sou do céo, sou da terra; não sou da eternidade, sou do seculo. O meu dever não é fazer cultos, mas proteger a inviolabilidade, e a independencia de todos aquelles, que julgão honrar a Deos, vosso juiz e meu!»

Foi tambem, partindo d'este principio, que o estado creou o conflicto inextricavel entre a universidade, e a igreja, entre o ensino tradicional, e o ensino racional. Repartir exactamente o ensino legal entre a tradição, e a philosophia, que muitas vezes se contradizem na apparencia, é tão impossivel, como fazer partilha exacta entre a fé, e a incredulidade! E o sacrilegio da administração, contra a religião, contra a rasão, contra o pai de familia, e contra o filho ao mesmo tempo. Pasmais, pois, da agitação, que se levanta, das justas reclamações dos bispos, das justas indignações da philosophia, das justas apprehensões dos padres! O ensino, é a fé do christão! O ensino, é a fé do protestante! O ensino, é a fé da philosophia! O ensino, é a fé da familia! Medisteis cada uma d'estas fés, para nada dar á uma á custa da outra? Não, nada sabeis d'ellas, servis, nas trévas, obrais ao accaso, e feris tudo quanto tocaes. Da supremazia da igreja, antes da revolução, sahio um seculo impio; da supremazia da igreja proviria um seculo sceptico.

Que resulta dahi em materia de ensino?
Que resulta dahi em materia de religião?
Que resulta dahi finalmente para o estado?
Vejâmos primeiramente para o ensino:

Se o estado tivesse uma fé real, sincera, e quasi unanime, não haveria inconveniente algum; e haveria uma immensa vantagem, em que todo o ensino estivesse em suas mãos. Sendo as suas mãos religiosas, e os seus mestres autorisados pela religião, haveria accôrdo, união, e unidade de doutrinas; a corporação secular, que ensina, não seria mais, do que auxiliar da corporação ecclesiastica, que ensina; as cadeiras dos professôres não serião mais, do que échos das cadeiras da cathedral. Todos comprehendem a educação de uma mocidade, educada assim. Ella sahe da casa paterna, onde tem bebido á fé com o leite; passa para os collegios do estado, onde aprende a fé com a sciencia; finalmente entra n'uma sociedade, onde acha a fé n'um culto obrigatorio, e nacional. Por um regimen similhante, o menino, o mancebo, e o homem são um só ente. A familia, o homem, e a sociedade, fazem uma só pessoa com a religião. É a ordem ideial d'aquelles, que sonhão com a sublime theocracia, ou o governo de Deos! Porém, em uma ordem de cousas, como a nossa, imperfeita, e miseravel, em que o estado não tem fé, em que o estado não se sujeita á igreja, e em que todavia elle quer administrar o ensino, ora de accôrdo, ora em concurrencia com a igreja, em que os dous ensinos se implicão, se chocão, succedem-se, e destroem-se, o que acontece? Primeiramente, de duas uma: ou o estado avassalla o seu ensino á igreija, ou antes lhe resiste. Se avassalla o seu ensino á igreja, desapparece, anniquila-se, entrega-lhe inteiramente o seculo e as gerações, atraiçôa ao mesmo tempo a sua dignidade e a sua missão, que é servir, defender, e propagar, não só as tradições immutaveis, porem o movimento innovador e ascendente do espirito humano. Se pelo contrario lhe resiste! opprime, coarcta, contrasta, violenta o ensino religioso da igreja, altera-lhe a fé, e por isso mesmo prejudica ao seu poder sobre as consciencias, e á sua efficacia sobre os costumes. N'uma ou n'outra hypothese, mal do estado, mal da igreja! Porém ainda mais mal da infancia, e muito peior para a sociedade. Com effeito, que quereis que venha a ser do homem moral e intellectual n'um estado de ensino e de sociedade, em que o menino, similhante aos filhos desses barbaros que os banhavão, quando nascião, ora em agoa quente, ora em agoa gelada, para lhes tornar a pelle insensivel ás impressões dos climas, e lançado alternadamente, ou ao mesmo tempo no espirito do seculo, no espirito do sanctuario, na incredulidade e na fé? Sahe da casa de seus pais quiçá crentes, quiçá scepticos; teem visto sua mãi affirmar o que seu pai nega; entra n'um collegio dividido de espirito e de tencias. O ensino do professor ahi não concorda em nada com o ensino do sacerdocio. Ainda suppondo de que estes dous ensinos se tolerem e não se choquem no collegio, separão-se inteiramente no fim do ensino elementar; e ao sahir do collegio, cujas paredes abrigão a sua fé do ar do seculo, encontra o menino á porta e nos cursos transcendentes a philosophia, a historia, a sciencia, a liberdade, o sceptismo que o surprehendem com outra fé. Fôra-lhe mister ter duas almas, e tem só uma. Empuchão-n'a, e lacerão-lh'a em sentido contrario. Os dous ensinos l'ha disputão; a confusão e a desordem transtornão-lhe as ideias. Ficão-lhe alguns farrapos de fé, e outros de rasão. Elle mesmo se espanta desta contradição entre o que lhe dizião em casa da sua familia, o que lhe ensinavão no Collegio, e o que lhe demonstrão nos cursos. Começa á suspeitar que lhe representão uma grande comedia, que a sociedade não crê n'uma palavra do que ensina, que ella tem duas fés, duas moraes, dous Deoses no céo, uma fé em um Deos para os meninos, outra fé e outro Deos para os adolescentes, talvez outra fé, e outro Deos para os homens feitos. Elle imagina em segredo, que tudo isto deve de ser bem pouco importante, para que a sociedade, e o estado brinquem com tanta leviandade, e com tal desdem Extingue-se a sua fé, e a sua rasão sem ardor se resfria; secca-se-lhe a alma, e o seu enthusiasmo converte-se em indifferença e desanimo. Não lhe resta de similhante educação mais do que quanto basta dos dous principios oppostos na alma, para que esta seja uma guerra intestina de pensamentos contrarios, e para que não possa até viver em paz comsigo mesmo n'uma vida que principiou pela inconsequencia, e que se prolonga na contradição. Eis-aqui uma parte dos máos effeitos do ensino complexo, em que a igreja e o estado querem pactuar sem sinceridade, e associar-se odiando-se. Desmembrão o menino, enervão o homem: porque o homem é a fé. A ultima palavra deste ensino mixto é a perdição das almas, perdição ao mesmo tempo para a religião e para a rasão, para a religião e para a civilisação, para Deos e para o seculo!

Porém em materia de fé e de costumes, qual é para a mesma igreja, e para o sentimento religioso em geral, o effeito desta união legal da igreja com o estado, d'aquillo que é da consciencia com o que é da lei, do que passa com o que dura, do que é da eternidade com o que é do tempo? Já o temos dito, não póde existir o equilibrio, e se existisse, não seria ainda mais do que a secção em partes iguaes dos deveres do estado e dos direitos da consciencia. Não seria senão a mão dos homens nas cousas de Deos: profanação! ou a mão do sacerdote, em nome de Deos, nas cousas do seculo, aviltamento! Mas isto não póde existir. Em todo o contracto sempre ha um que ganha. Se é o estado, subordina e constrange a igreja. Se é a igreja, apodera-se do estado, e pelo estado da sociedade. A civilisação, que se tem confiado, para se desenvolver e progredir, á um poder todo humano e mobil como ella, acorda presa ao altar immovel do sacerdote. Ou ella deixa de seguir avante, ou retrocede. A religião, justamente ciosa e tyrannica, porque a sua fé lhe ordena a conquista e a guarda das almas, emprega o braço do poder politico em extirpar e suffocar todos os germens de *novidades*, que possão brotar no espirito humano. Toda a philosophia é uma ameaça para ella, todo o exame é um perigo, todo o symbolo é um attentado, toda a tentativa de culto livre é uma sedição do pensamento. Livros, templos, ensino, cadeiras, tribunas, associações, tudo se fecha pela lei, ou pela interpretação da lei do estado, á innovação religiosa. É mister crêr o que crê a igreja nacional, ou nada crer. Entre fé legal, e a falta absoluta de fé e de culto não ha meio termo. Se Deos fizesse apparecer sobre a terra e no céo uma revelação nova, esta revelação acharia o poder do estado entre o homem e Deos; e se a nova revelação não começasse sobre uma cruz, como a do Golgotha, começaria ao menos n'huma prisão de policia correccional! Logo, esses que com rasão ou sem ella, se sentem inspirados d'outro pensamento religioso, differente do legalisado, são obrigados a nutril-o em silencio e no isolamento da fé, sem propagação, sem associação, sem palavra, e sem acto, e por conseguinte sem efficacia sobre a vida moral. Por quanto toda a centelha, que não se reune á outras, e que não fórma hum fóco, não póde communicar, nem vida, nem luz, nem calor, e acaba por extinguir-se com o coração, onde cahio. D'ahi a esterelidade completa do campo de Deos, que é o pensamento humano. O estado apossou-se d'elle, e disse ao homem que queria fazel-o fructificar da sua parte: « Tu nada semearás n'elle. Eu o vendi, e garanti-o a dous ou tres cultos, que vierão antes de ti. Nao ha mais lugar para o futuro no tempo: esse grande campo de Deos, puz-lhe balizas pela lei. Vae orar em outra parte, ou não ores mais; isso me é indifferente. Tanto peior para a tua verdade, se a magôo; tanto peior para o teu Deos, se o molesto. Não tenho concordata com a tua verdade, nem tão pouco com o teu Deos. Tenho-a sim com a igreja, e e quero cumpri-la: » Que assassinio de ideias! que interdicção de consciencia! que blasphemia contra Deos! Eis-ahi o que aconteceria ás igrejas que quizessem fórmar-se e fazer fructificar a sua fé sobre a terra.

Porém o que será da mesma igreja antiga e legal, nas mãos do estado, que a constrange, honrando-a?

Ha sómente duas situações convenientes para um poder divino e absoluto, como a igreja: a dominação soberana ou a simples liberdade. Ella não está no seu verdadeiro lugar, senão onde reina; e quando não reina mais pela soberania temporal no lugar, onde é livre, ahi reina ella ainda pela consciencia. Porém, no momento, em que ella faz descer a fé até a lei, em vez de fazer subir a lei até a fé, no momento em que submette Deos á protecção dos homens: no momento, em que do regimen absoluto, que é o seu, passa ao regimen mixto das transacções, e em que faz a sua carta com o poder civil, nesse momento acceita ella o jugo temporal em trôca da liberdade dos filhos de Deos, acceita a dependencia, acceitando a fôrça legal, acceita as condições, acceitando o estipendio. N' uma palavra, abdica uma parte do seu poder, da sua dignidade, da sua inviolabilidade. Bem sei que ella pretende reservar intacta a soberania do dogma, e transigir sómente sobre a disciplina. Porem quem marcará o ponto preciso, em que a disciplina não depende mais do dogma nem as consequencias do principio? Á quantas concessões forçadas lhe é precisa acceder no facto em que ella não consente no espirito! Veja-se Bossuet, Luiz XIV, Napoleão, e a concordata de 1815, a de 1817: o que são as liberdades gallicanas senão uma verdadeira igreja nacional, e um schisma não esclarecido? O que são usos revendicados como direitos, e defendidos pela fôrça contra um centro de autoridade que os nega, soffrendo-os? O que é essa unidade que se divide? esse respeito que protesta, e que affronta? essa obediencia que desobedece? O que vem á ser esses decretos do parlamento em materia espiritual, e esses recursos como de abusos para o conselho de estado, e essas ameaças de privação do temporal, senão violencias moraes feitas pelo poder civil á autoridade soberana da igreja? Ella abaixa a cabeça, mas a sua autoridade religiosa padece. E se a sua autoridade padece, soffre menos a sua dignidade, e o seu credito sobre os povos? Ganha ella mais em fallar aos homens em nome do estado, do que fallando-lhes só em nome de Deos? O que ganha ella em associar-se com todos esses poderes transitorios, para viver e muitas vezes pe-

recer com elles? O que ganha ella em collocar-se, para ser honrada, nos degráos dos thronos que se desmoronão, adoptando tal ou tal linhagem de principes, tal ou tal fórma de governo, hoje realista, amanhãa republicana, depois imperial, para tornar a ser bourbonica, e depois outra cousa, em consequencia de todas as vicissitudes, de todas as inconstancias do poder humano, ao qual ella se liga, e que arrasta successivamente em todas as suas quedas, em todas as suas impopularidades, em todo o odioso dos poderes politicos? Ella levanta-se sem dúvida; mas levantar-se-ha tão magestosa, e tão pura aos olhos dos homens, como se ella não tivesse ligado a sua fortuna, senão áquelle que não passa, e a quem ninguem amaldiçôa jamais? Não; ella deixa sempre alli alguma cousa da sua dignidade e do seu imperio. Fica-lhe ahi algum tanto mesmo da sua fé! Defendida por uns, ella é trahida por outros. Pensará alguem, que, se a igreja não fôra nacional na época dos schismas, da refórma e da revolução franceza, ter-se-hião destacado do seu centro imperios inteiros, precipitando-se na divisão? Quem lançou a metade do imperio da Allemanha fóra do seu gremio? Quem desmembrou a Hollanda e a Suissa? Quem separou a igreja grega e a Russia? Quem secularisou a Inglaterra e a Escossia? Quem finalmente repudiou, perseguio, proscreveo, e martyrisou o catholocismo em França, desde 1789 até 1794, senão essa deploravel solidariedade do poder civil e da igreja, que fez participar uma de todas as revoluções da outra! É certo, que com esse pacto ganhou a igreja algumas pompas de culto, alguns estabelecimentos temporaes; porem perdeo almas aos milhões! Ora, o imperio da fé não se compõe, aos olhos della, de estabelecimentos temporaes, de ceremonias públicas, de cathedraes, de tratamentos, e de pompas officiaes; compõem-se d'almas. Havel-as-ha mais para ella, e serão mais suas na liberdade, do que na dependencia do poder? Ou, por outras palavras, terá Deos só mais fôrça sobre a consciencia livre, do que os poderes civis a teem sobre a consciencia sujeita? Eis-aqui toda a questão para a igreja. Ella achará toda a resposta na sua mesma fé. Se crê na intervenção divina, em a obra do catholicismo, deve de crêr, que a sua fé será tanto mais forte, e tanto mais activa, quanto menos intervenção acceitar das dominações civis. O seu Deos chamou-se *Verbo*, e nunca lei, throno, ou *espada*. Não captive pois ella o seu *Verbo livre*, porque seria captivar seu proprio Deos! Quanto mais livre elle fôr, mais será Deos!

Escutai o que dizião hontem os bispos da Irlanda, a quem se fallava em união com o estado, e em subsidio para a sua igreja: « Guardai lá as vossas offertas; nós as reputamos por laços armados ás nossas almas, e pela peior das calamidades para a nossa fé, e para a igreja! »

A. de Lamartine.
(La Patrie.)

INTERIOR.

ALAGOAS.

Extracto do relatorio do Exm. presidente á assembléa provincial na abertura da sessão do anno passado.

Todas as vezes, que se trata de descobrir um genero de commercio, que póde engrandecer o paiz, o governo não deve poupar esforços para conseguir, em beneficio delle, mais esse manancial de riqueza. Sua Magestade o Imperador, que sabe tão bem avaliar em sua sabedoria as necessidades de seus subditos, e que vela incessantemente nos destinos do Brasil, acaba de enviar ao governo desta provincia em aviso de 27 de julho do anno passado a copia da traducção de uma carta, que ao encarregado dos negocios deste imperio, nas cidades Hanseaticas, dirigio o Dr. Schmidt, e que eu tenho a honra de vos apresentar, sobre o —marne—, ou pedra calcarea; a fim de que o governo da provincia informasse sobre a utilidade daquella substancia, propondo em todo o caso os meios de facilitar a sua extracção, e commercio. Pela resposta da camara municipal do Penedo, á quem foi remettida a referida carta, para verificar a existencia daquella substancia, e os meios de facilitar sua extracção, conhecereis vós, senhores, as difficuldades, que ella apresenta, as quaes podeis remediar, consignando quantia, e autorisando este governo, para que empregue pessoa, que tenha os conhecimentos scientificos, e praticos da materia: só dest'arte se não mallograrà um genero de commercio, que póde fazer rica, e florecente esta provincia, não só ajudando a fertilisar as nossas terras, mais ainda convidando á virem ao nosso litoral especuladores de differentes nações, que muito necessitão de alimentar as suas com substancia talvez menos apreciavel, que esta em seus resultados.

COMMERCIO.

Alfandega.

Rendimento do dia 24.......... 8:396$726

Descarregão hoje 25.

Brigue-escuna americano—*Henrietta*—chá, farinha, e bolaxinha.
Brigue—*Fanny*—bacalhão.
Brigue—*Silencio*—massas, drogas, e diversos generos.
Barca—*Thomaz-Mellors*—diversos generos.
Patacho hamburguez—*Fortuna*—diversos generos.

Movimento do Porto.

Navio sahido no dia 23.

Sahio para crusar o brigue escuna de guerra *Gararapes*, commandante o 1.º tenente José Secundino Gomensoro.

Navios entrados no dia 24.

Aracaty; 15 dias, hiate brasileiro *Flor-das-larangeiras*, de 51 toneladas, capitão Bernardo de Sousa, equipagem 9, carga couros salgados, e algodão; a consignação do capitão.
Montevidéo; 36 dias, barca sarda *Maria-Eugenia*, de 181 toneladas, capitão Carlos Lazzolo, equipagem 23, carga couros; a consignação do capitão.

Navios sahidos no mesmo dia.

Liverpool; brigue inglez *Iceni*, capitão Archibald Steel, carga algodão, e assucar.
Bahia; brigue brazileiro *Americano Feliz*, de 186 tonelladas; capitão José Antonio Gomes; equipagem 16; carga sal.
Philadelphia; patacho americano *Jucatam*, de 177 tonelladas; capitão James Baker; equipagem 9; carga assucar.

Declarações.

= O primeiro escripturario da meza de rendas internas provinciaes desta cidade, abaixo assignado, tendo sido encarregado pelo sr. escrivão, e administrador de proceder ao lançamento da decima dos predios urbanos do bairro do Recife avisa aos srs. proprietarios, e mais pessoas interessadas em dito lançamento, que dá principio ao mesmo em 3 do prezente mez Meza de rendas internas provinciaes 2 janeiro de 1844. — *José Guedes Salgueiro.*

— O abaixo assignado, encarregado do lançamento da decima dos predios urbanos do bairro de S. Antonio desta cidade, avisa aos snrs. proprietarios, e a quem convier, que no dia 3 do corrente principia o lançamento da referida decima, assim como previne aos inquilinos das casas, que tenhão promptos os recibos do aluguer das mencionadas casas. Recife 2 de janeiro de 1844. O 1.º escripturario,
João Ignacio do Rego.

= Tendo o subdelegado do 2.º districto da comarca do Cabo feito prender o preto João Sabino, que se inculcava livre, e vivia como tal, ha doze annos, e conduzil o ao coronel Francisco de Barros Rego, senhor do engenho *Sauhé*, de quem o mesmo preto confessára ser escravo; aconteceo que os portadores, descançando no dia 5 do corrente em terras do engenho *Limão*, comarca do Rio-formoso, tivessem a facilidade de tirar as algêmas ao preto para jantar; e este, aproveitando-se de um descuido, e estando presente um dos seus guardas somente, o matou e fugio; e quando acodirão os dous, que estavão um pouco distantes, já o não podérão colher as mãos, e o assassino se escapou são e salvo. Roga-se portanto ás autoridades policiaes d'ambas as comarcas mencionadas, e as de qualquer outra, queirão fazer toda a diligencia por capturar o escravo assassino, cujos signaes são os seguintes: baixo, corpo delgado, pouca barba, orelha direita furada, casado com mulher livre, de quem tem filhos; tem morado como livre, e sempre com o nome de João Sabino, em Agua-preta, onde casou, em Jacararaca, termo de Cariri, e em outros lugares, e levou na occasião de escapar-se, uma espada toda aparelhada de prata.

THEATRO PUBLICO.

HOJE 25 DE JANEIRO DE 1844.

DECIMA REPRESENTAÇAÕ
da
COMPANHIA RAVEL.

O espectaculo começará as 8 horas em ponto por uma overtura em grande orchestra, seguida pelas

Danças de corda.
Seguidas pelos
Tres gladiadores,

que teem sido applaudidos em todos os theatros principaes da Europa, e representados pelos snrs. Francisco Ravel, Léon Giavelly, e Carlos Winther.

O gallope ideial,
composto para grande orchestra, por Mr. Eugeneo Fénélon.

Zapateados de Cadiz,
pela gentil Madama Léon Giavelly.
Intervallo de 15 minutos.

Segunda parte.
Grande overtura pela orchestra.

Findará o espectaculo pela pantomima comica intitulada,

A trombeta encantada,
ou
Poder magico,

Com novas decorações, transformações, e fógos de artificio.

Distribuição.

D. Cassandro, proprietario rico — Mr. L. Férin.
Arlequim — Mr. Francisco Ravel.
Pierrot, criado de D. Cassandro — Mr. Carlos Winther.
O monstro — Mr. Léon Giavelly.
O magico — Mr. Martin Giavelly.
Charo filho de Pierrot — O pequeno amor.
Calombina — Madame Martin Giavelly.
Fadas, demonios, e criados &c. &c.

A peça acabará pela
Grande quadra alegorica,
com fógo artificial e chammas de bengala.

Avisos maritimos.

= Para o Havre seguirá no dia 20 de fevereiro a barca franceza *Cacimir-delavigne*, capitão P. Berindoague; quem nella quizer carregar, ou ir de passagem, para o que tem excellentes commodos: dirija-se aos seus consignatarios B. Lasserre & C.

= Ficou transferida a sahida do brigue *Boaventura*, para o Rio-de-Janeiro, para o dia 25 do corrente: quem quizer carregar escravos, ou ir de passagem, entenda-se na rua da Cadeia n. 40, ou com o capitão Joaquim Pedro de Sá e Faria.

= O brigue *Amelia*, de que é capitão João Ignacio de Menezes, com brevidade segue viagem para Lisbóa, com escalla pelas Ilhas-dos-Açores: quem quizer carregar, ou ir de passagem, falle com o mesmo capitão, ou com Joaquim José da Cruz.

Avisos diversos.

LOTERIA DO THEATRO.

As rodas da 2.ª parte da 15. loteria teem o seu infallivel andamento no dia 30 do corrente mez, fiquem ou não bilhetes por vender, e os restantes achão-se nas lojas já annunciadas.

— O sr. João Pinto Chaves dirija-se a Rua-nova botica n. 57, a negocio de seu interesse.

= José Bernardino Pereira de Brito embarca para o Rio-de-janeiro o seu escravo, cabra, por nome José.

— Precisa-se de 200$ reis a premio de um e meio por %, com hypotheca em uma casa; quem tiver annuncie.

— Precisa-se de um rapaz dos chegados ultimamente do Pôrto, e que dê fiador a sua conducta; na botica da Rua-nova.

= Precisa-se de um cozinheiro; quem estiver nestas circumstancias, dirija-se a casa da esquina da Rua-do-Torres n. 20, que achará com quem tratar.

— Quer-se alugar uma casa terrea com um sotão, ou um sobrado de um andar, que tenhão quintal, e cacimba, em qualquer rua, que não seja mui distante da matriz do bairro de S. Antonio; quem tiver, dirija-se a rua da Praia n. 39.

— Precisa-se de uma ama de leite forra, ou captiva, que queira ir para a villa do Rio-formozo acabar de amamentar um menino, que ja tem idade de sette mezes, promette-se boa paga, assim como commoda conducão, tanto para ida, como para volta; quem estiver nestas circumstancias, annuncie.

— Foi pegado um moleque que diz ter sido vendido ao snr. Domingos de Sousa Leão em Carauna, e que este o vendêra ao snr. de engenho Jardim, e este vendêra para esta praça, e não sabe quem é o seu senhor; e por isso se faz público a quem for senhor do dito moleque, que dirija-se ao Atterro-dos-Affogados casa do capitão de campo Guilherme da Silva Torres n. 130, defronte da fabrica de rapé.

— Alberto Lavenère tem a honra de annunciar ao respeitavel público, que elle continúa á dar lições de linguas franceza, e latina, de mathematica, e de desenho: ás pessoas, que desejarem aprender qualquer destas cousas, poderão annunciar por este *Diario*, ou dirigirem se á rua do Sêbo.

— O snr., que annunciou querer uma mulher idosa para casa de homem solteiro, querendo uma nas mesmas circunstancias, com bons costumes, procure no becco atraz da ribeira da Boavista n. 3, que ahi achará com quem tratar.

— Alugão-se por 400,000 annuaes os dous andares do sobrado nos quatro-cantos da Boavista n. 1: tambem se aluga a loja do mesmo sobrado, com armação para venda; e a casa terrea no mesmo lugar n. 3: á fallar com Manoel Caetano Soares Carneiro Monteiro.

= Aluga-se o segundo e terceiro andares do sobrado de tres andares da rua da Lapa; quem pertender dirija-se a rua da Moeda, armazem de assucar n. 15.

= Quem precisar de um serrador, dirija-se a pracinha do Livramento n. 42, 2.º andar, ou annuncie.

— No dia 19 do corrente perdeo-se uma carteira verde, usada, contendo dentro 9,000 rs. em sedulas, uma de 5, côr verde, e 4 de 1,000 rs., desde a rua dos Quarteis, até ao largo do Palacête (d'onde se suppõe ter-se perdido): roga-se a quem a tiver achado e quizer por obzequio restituil-a, leve-a á rua do Rozario larga (outr'ora do Quarteis), loja de miudezas n. 20, que se gratificará com generosidade.

= O bacharel Carlos Honorio de Figueiredo retira-se para o Rio-de-janeiro.

= Joaquim Antonio da Silveira embarca para o Rio-de-janeiro o seu escravo de nome Manoel, nacão Angola.

= Manoel dos Santos subdito Portuguez, retira-se para Portugal.

= Francisco Borges Pimentel, subdito Portuguez, retira-se para fóra da provincia a tratar de sua saúde.

= Arrenda-se o sitio denominado Jacaré, com mais de 300 pés de larangeiras, e outras muitas fruteiras, e pasto para 8 vaccas; no Mundo-novo n. 17.

— Manoel de Sousa Guimarães avisa por este a quaiquer pessoa, que tenha cartas de fianças, assignadas por elle, d'alugueis de casas, que haja d'as apresentar, no praso de tres dias, para serem pagos os ditos alugueis; porque nas mesmas cartas o annunciante se obriga; e, deixando de o fazer no praso marcado, ficarão sem effeito algum as referidas fianças, e os possuidores dellas sem direito algum de poder receber do fiador: e para que não possão em tempo algum reclamar, se lhes faz o presente aviso

= Uma pessoa, que tem bastante pratica, e que presta fiança idonea, offerece-se para cobrar dividas nesta cidade, e fóra della (não sendo para mui longe); e tambem se ajusta por anno, ou mez, e promette zelo e promptidão, e assegura-se agradar á quem d'este seu convite se quizer utilisar: quem o pretender, annuncie.

= O snr., que no dia 19 do corrente, pelas 3 horas da tarde entrou na loja do abaixo assignado, e lhe furtou um relegio horisontal, sabonete, caixa d'ouro lavrada, na fórma de S, e que foi visto e conhecido por alguns visinhos, quando entrou, e sahio, haja immediatamente de o mandar entregar o referido relogio, ou deitar por baixo da porta da loja; do contrario declarar-se-ha o seu nome por esta fôlha, e o abaixo assignado procederá com todo o rigor da lei, contra o dito snr.

João Antonio de Saboia.

— O ex thesoureiro da loteria da matriz da Boa-vista roga a todas as pessoas, que possuem bilhetes premiados pertencentes as 4 loterias, que precederão a ultima, hajão de ir receber quanto antes o seu valor, na rua da Cruz n. 16, pois do contrario o abaixo assignado terá de recolhel-o á thesouraria da fazenda, aonde necessariamente é mais difficil a sua acquizição.

José Francisco de Azevedo Lisboa.

— Em a noute de segunda-feira, 22 do corrente, na occasião de se soltarem uns foguetes, na capella de Santo Amarinho da cidade nova, espantou-se, e fugio, tomando a direcção da rua do Rego, um cavallo, que se havia dado á um menino para segurar, com os signaes seguintes: mellado, clinas e cauda pretas, e esta aparada, pés e mãos calçados, bastante grandes, descarnado, enfreiado, e sellado, com um sellim inglez pequeno, de mola, com manta de maracajá. Roga-se á pessoa, que o tiver pegado, leval-o ao abaixo assignado, na Rua-direita n. 112, que será recompensada, ou annunciar para ser procurada: bem como roga-se aos srs. encarregados da policia, d'o aprehenderem.

Galdino Temistocles Cabral de Vasconcellos.

— Aluga-se uma morada de casa de dous andares, e sotão, sita na Praça-da-Boa-vista, com bom quintal, cacimba, e alguns arvoredos de fruto; a tratar na rua da Cadeia do Recife n. 25.

— Aluga-se um armazem de uma porta, e mais pertences para vender carne do Ceará, sito na rua da Praia n. 60; a tratar na rua do Rangel n. 5.

= Alugão-se escravos para qualquer trabalho nesta cidade, a excepção de servente, por 640 rs. diarios cada um; quem os quizer, annuncie.

— Quem annunciou querer comprar o Elucidario de Fr. Joaquim de S. Roza de Viterbo, dirija-se a livraria da rua do Collegio n. 20

— Declara-se as pessoas, que teem offerecido 200$ rs pelo aluguel do segundo andar da casa n. 46 da rua da Cadeia do Recife, que no caso de ainda precisarem, poderaõ ir tomar as chaves.

— Precisa-se de um rapaz para vender pão com um preto; na Rua-direita n. 69.

= Aluga-se uma parda moça, com muito bom leite, que acaba agora de criar em uma casa estrangeira; quem a precisar, dirija-se ao armazem n. 44 da rua da Alfandega-velha.

— Offerece-se uma criada Portugueza para todo o serviço decente, e interior de uma casa; quem a pretender, dirija-se a rua da Trempe n. 52.

= Precisa-se de um caixeiro para uma venda, de 10 a 14 annos; na venda da esquina da rua do Aragão, que volta para a S. Cruz, n. 43.

— Quem annunciou querer comprar a obra mil e uma noutes, dirija-se a Rua-nova n. 38.

— Quem precisar de uma mulher de idade, para ama de uma casa de pouca familia, para engommar, e cozinhar, dirija-se a rua do Calabouco-velho n. 2.

= Offerece-se para caixeiro de engenho um rapaz Brasileiro, cazado, de bons costumes, que dà fiador a sua conducta, e como tambem para ensinar primeiras lettras, tanto elle como sua mulher; quem de seu prestimo se qui er utilisar, dirija-se a rua do Cabugá n. 7.

— José Pedro de Faria morador no Affogados faz publico, que no dia 19 do corrente appareceo em o sitio da sua residencia uma preta de nome Benedicta, que diz ser escrava de Antonio de Souza Barrozo, morador no engenho Outeiro de Grujahu, pedindo ao annunciante para a comprar; quem for seu dono, deve quanto antes mandal-a procurar, ou tratar do negocio, caso a queira vender ao annunciante; ficando porém entendido, que o annunciante não responde pela mesma escrava de forma alguma.

= Appareceo no dia 22 do corrente pelas 8 horas da noute, na Solidade, casa n. 6, um cavallo sem sellim tão somente, com as cabeçadas, por já ter sido o dito cavallo da mesma casa; quem for seu dono, dirija-se a mesma casa, que dando os signaes certos, lhe será entregue, pagando as despezas, e a segurança do mencionado cavallo.

— A criada Portugueza, que se annunciou no *Diario* de 24 do corrente, dirija-se a esta Typographia, onde se dirá quem pretende.

= Roga-se ao snr. F. J. M. A. o favor de ir se entender na pracinha do Livramento, com quem não ignora, quando não se publicar por estenco o seu nome, e a rasão por que tanto se lhe deseja fallar

=O snr. Domingos Gonçalves da Cruz queira comparecer na rua da Cadeia-velha n. 35, a ultimar o negocio, que não ignora.

= Aluga-se uma casa na Passagem-da-Magdalena, com commodos para uma grande familia, e banho muito perto; quem a pretender, dirija-se a rua da Cruz n. 5.

= Alugão-se o primeiro e segundo andares da casa n. 28, da rua da Cruz; a tratar no primeiro andar da mesma casa.

— Antonio Joaquim da Silva Castro mora na rua do Crespo n. 4.

— Julião Maria Freire deixou, desde 24 do corrente, de ser caixeiro de Mendes & Oliveira.

— O snr. Francisco Alexandrino Calaça queira dirigir-se a Rua-nova n. 57, a negocio de seu interesse.

= Aluga-se uma canoa de carga de 600 a 700 tijolos, por preço commodo, quem a pretender, dirija-se a rua da Concordia, por detraz do Carmo velho, venda de Francisco Pereira da Silva Santos.

— A criada Portugueza, que se annunciou no *Diario* de 24 do corrente, dirija-se a rua larga do Rozario n. 25.

— A irmandade de N. S. da Conceição dos militares se reúne hoje (25) no respectivo consistorio, para effeito de dar posse a nova meza, visto não ter esta tido lugar no dia 19 do corrente; o secretario portanto roga aos irmãos, para que compareção a esse acto.

— Quem precisar de uma ama para casa de homem solteiro, a qual engomma, cose, e cozinha, dirija-se a rua do Livramento n. 13.

Compras

= Compra-se um relogio sabonete de prata, inglez, de fabrica coberta, e regulador; na Rua-nova n. 31; na mesma casa precisa-se alugar dous pretos.

— Compraõ-se effectivamente para fóra da provincia escravos de ambos os sexos de 12 a 20 annos, sendo de bonitas figuras pagão se bem; na rua da Cadeia de S. Antonio, sobrado de um andar de varanda de páo n. 20.

— Compra se um molecote de 18 a 22 annos, que saiba cozinhar; e uma negra de 18 a 20 annos, que saiba engommar; a tratar com o corretor Oliveira.

—Compraõ-se effectivamente para fóra da provincia mulatinhas, crioulas, e mais escravos, de 13 a 20 annos, pagão-se bem, sendo bonitos; na rua larga do Rozario n. 30, primeiro andar.

—Compra-se uma ou duas quartolas arqueadas de ferro, que sirvaõ para azeite de carrapato, e um funil de páo para despejo de agu'ardente, tudo em bom estado; na venda da esquina da rua do Aragão, que volta para a S. Cruz n. 43.

= Compra-se um relogio de fabrica ingleza, que seja regulador, com a condição de dar a contento; quem tiver annuncie.

Vendas.

— Achão-se a venda na livraria da praça da Independencia ns. 6, e 8; rua do Cabugá, loja do Bandeira; defronte da matriz da Boa-vista, botica do Moreira; no Recife, rua da Cadeia, loja de ferragens n. 48; em Olinda, rua do Amparo, botica do Rapozo; e nos Quatro-cantos, loja do Domingos: as excellentes folhinhas impressas nesta Typographia, compostas pela primeira pessoa, que as fez nesta provincia e que tanto credito tem merecido; contendo as de algibeira optimas chacaras, e a disputa entre uma pulga, e um piolho sobre a fidalguia; outras contendo a confissão do marujo; outras com a linguagem das flores, ou novo diccionario para a correspondencia amatoria; outras com o almanak dos empregados publicos, e finalmente ecclesiasticas para o officio divino.

= O deposito de gelo acha-se na rua da Senzalla-velha junto ao Becco-largo n. 110, aonde continúa a vender-se pelo mesmo preço de 2560 rs. a arroba, e a libra a 100 rs.

— Vendem-se 3 cavallos mui carregadores, e novos; a padaria n. 154, na rua das Cinco-pontas, com todos os seus pertences, e estes muito modernos; uma commoda de angico, um par de mangas de vidro bordadas, 6 portas de amarello, que servem para qualquer casa; e uma canoa fechada, com mais de 60 palmos de comprido, todo negocio se faz; na Rua-imperial n. 2.

— Vende-se uma escrava de nação, de bonita figura, de 24 annos, engomma, cozinha, e lava, e tem muito bom leite para criar; na rua dos Quarteis, venda da esquina n. 21.

— Vendem-se meios bilhetes da loteria do theatro; na Rua-direita, loja de fazendas n. 12, defronte do oitão do Livramento.

— Vende-se uma escrava de nação Mocambique, de 16 annos, sem vicio algum, sabe vender na rua, muito esperta para todo o serviço de uma casa, vende-se por precisão de dinheiro; duas casacas em bom uso, uma preta, e a outra azul; uma cabra (bicho), que dá garrafa e meia de leite, muito boa para criar meninos; dous relogios, sabonetes, que regulão mui bem; na rua larga do Rozario, defronte do quartel de policia n. 15.

— Vendem-se canarios de imperio chegados proximamente do Porto na barca *B. Pernambucana*, em viveiros, e já separados em gaiolas, muito cantadores, ditos femeas para tirar criação, café em grão a 120 rs., bolaxinha ingleza a 120 rs.; na rua estreita do Rozario, venda n. 8.

= Vendem-se 500 barricas levantadas, e promptas para embarricar assucar; na rua de Apollo n. 20.

= Vendem-se meios bilhetes da loteria do theatro, que corre no dia 30 do corrente; na rua da Cadeia-velha, loja nova de calçado n. 35

— Vende-se um relogio pequeno, com caixa de ouro, de bom movimento; e da melhor fabrica; na rua estreita do Rozario, loja n. 20.

= Firmino José Felis da Roza tem a venda a excellente farinha de trigo de Trieste, bem conhecida neste mercado, e de todo o Brasil, das verdadeiras marcas SSSF e SSF; ladrilho de marmore; folha para charutos; assim como muito boa farinha americana; nos armazens de José Rodrigues Pereira & Companhia, no beco do capim, e na rua da Moeda n. 7: estes generos só se vendem a dinheiro, ou a praso uma vez, que as firmas sejão de confiança.

= Vende-se um moleque de nação, bonita figura, sem vicios, de 16 annos; na rua do Rangel n. 5.

=Vende-se parte do sobrado n. 10, de 3 andares e sotão, com 4 portas de frente, e duas lojas; metade de uma casa terrea na rua da Concordia; e uma cama de cazal, de armação moderna, com enchergões, colxão, e cortinados sem nenhum uso; na rua da S Cruz n. 66, que tudo se vende por preço commodo.

= Vende-se um moleque de nação, robusto, sem vicio, ou molestia alguma, e de bonita figura; na rua do Queimado n. 25.

= Vendem-se na loja do bom barateiro, de Guerra, Silva & Companhia, na Rua-nova n 11, os verdadeiros purgantes e vomitorios de Le Roy.

= Vendem-se superiores cortes de vestidos de lãa e seda de listras de bellissimos padrões; na rua do Cabugá n. 10, defronte do cerieiro.

= Vende-se 500 oitavas de prata fina; telhas, tijolos de ladrilho, alvenaria, e de fornalha, cal branca superior, e preta, caibros de 30; e ripas, tudo da melhor qualidade, que póde haver; em Olinda, rua do Balde n. 24.

= Vende-se um adereço de brilhantes da primeira agua, obra de gosto sublimado; assim como outras muitas obras de brilhante, 5 mil oitavas de prata fina de toque de lei, 533 perolas grossas e verdadeiras, jarro e bacia de prata, de bom gosto, e taboleiros com 3 palmos e meio de comprido, calices de todos os tamanhos, faqueiros de duzia, e meia dita, uma custodia, obra boa, feita em Lisboa, turibulo e naveta, calis, ambula, escrivaninhas, apparelhos para chá, coco, paliteiros de bom gosto, pratos, thesouras, caixas de prata para tabaco, oculos de ouro, correntes de bom gosto, tudo obra de Lisboa, e vende-se tudo em conta; no Atterro-da-Boa-vista, loja de Joaquim de Oliveira e Souza.

— Vendem-se ervilhas muito boas, novas, e chegadas ultimamente a 100 rs. a libra, alpista a 360 rs. o quarteirão, manteiga franceza a 560 rs., dita de porco a 320 rs., letria a 160 rs., sevada a 100 rs., chocolate de Lisboa a 360 rs., chá hisson a 2560 e 2$ rs., e todos os mais generos por preço commodo; na esquina da rua do Aragão, que volta para a S. Cruz n. 43.

= Vendem-se differentes peças do *Archivo-theatral* de Lisboa, de n. 1 a 45, sendo estas as mais escolhidas peças, e dos melhores autores francezes, tanto juntas como separadas; juntas a 240 rs. cada uma, e avulsos a 300 rs.; assim como o 1.°, 3.°, 4.°, 5.°, e 6°. tomos do *Recreio* jornal de familia, adornados de boas estampas, e figurinos, todos a 3$ rs. cada volume, e a vulso a 3500 rs.; no botequim da Estrella.

— Vende-se uma negra de nação, de 30 annos, boa lavadeira, e quitandeira; uma mulatinha de 10 annos; no botequim da Estrella.

—Vende-se cera de carnaúba, por preço commodo; na rua da Conceição da Boa-vista n. 8.

— Vende-se um moleque de nação, de bonita figura, de 16 annos, sem vicio algum; na rua de Manoel-coco n. 20

= Vende-se um sobrado de 1 andar e dous sotãos, ha pouco acabado, todo forrado e pintado, na rua do Fogo n. 27; e duas escravas peças, de Angola, bonitas figuras, mestras vendedeiras de doces, e com outras habilidades; na rua estreita do Rozario n. 10, terceiro andar.

= Vendem-se dous escravos de nação, moços, optimos para todo o serviço; uma preta de nação, de 30 annos, com bonita figura, com uma cria mulatinha, mui linda; um escrava boa engommadeira, e cozinheira, cose, e faz renda; uma dita quitandeira, e lavadeira; na Rua-direita n. 3.

— Vende-se, sem feitio, um transelim com passador, com 14 oitavas, um cordão com 11 e tres quartos, um rozario com 4 e tres quartos, duas medalhas, um coração, uma redoma, 11 oitavas de ouro em diversos objectos, e duas caixas de prata; na rua das Trincheiras n. 18

— Vende-se fumo em folha, de superior qualidade; na rua da Cruz n. 45.

—Vende-se uma commoda de amarello, em muito bom uso, e uns enchergões e colxão quasi novos; na travessa da Madre de Deos n. 16, segundo andar.

— Vendem-se barris com 100 libras de pregos fundidos, americanos, proprios para repregar barricas d'assucar: na rua da Cruz, armazem de Antonio Pereira da Cunha.

— Vende-se uma venda, com poucos fundos, ou só com a armação, e seus pertences, sita na rua de Hortas n. 7: á tratar no pateo do Carmo n. 13.

— Vende-se um palanquim, em muito bom uso; e bem assim pelles de guaraz inteiras, boas, e proprias para flores, tudo por commodo preço: na rua da Cruz do Recife n. 37.

— Vende-se cêra de carnaúba, superior, por preço commodo: na rua da Cruz, armazem n. 33.

= Vendem-se bixas de Hamburgo, chegadas pelo ultimo navio, vindo de Lisboa, o cento a 8000 rs., muito boas: na rua da Cruz n. 43, defronte do becco do Porto-das canôas.

= Vende-se uma biblia comentada pelo padre Antonio Pereira, em 7 volumes; um Pope em inglez, os dicionarios francez-portuguez e vice-versa, e as conjugações dos verbos irregulares; na Praça-da-independencia n. 39.

= Vende-se um jogo de banquinhas de jacarandá, em muito bom uso, por preço commodo; muito boas bichas de Hamburgo, grandes e pequenas; tambem se alugão, e vão-se applicar, por commodo preço; na Rua-direita, loja de barbeiro n. 123.

= Vendem-se as seguintes propriedades, á saber: uma casa de tres andares e sotão, na rua do Encantamento, no Recife n. 4; uma dita terrea, na rua da Conceição da Boa-vista n. 1; uma dita dita, na esquina do becco das Barreiras n. 1; um terreno de 63 palmos de frente, na rua do Sebo; um sitio, com boa casa, na estrada dos Afflictos; um dito, na estrada do Arraial: á tratar com José Antonio Bastos, na rua da Cadeia do Recife.

= Vende-se uma optima rede para viveiro, com todas as proporções; nos Affogados n. 21.

= Vende-se o livro intitulado — Primeiras lições a minha discipula —, muito proprio para meninas, que estudão primeiras lettras; em prosa, e verso, pelo commodo preço de 640 rs.; nas lojas de Cardozo Aires, e Sette.

= Vendem-se borzeguins gaspeados, e de ponta de uma e duas solas, pretos e de côres para homem, ditos gaspeados para senhora e meninas, sapatos inglezes de duas e 3 solas para homem e meninos, ditos de palla adiante e atraz, e só adiante, ditos de couro de lustro de entrada baixa para homem, e meninos de 8 a 12 annos, borzeguins para senhora a 2000 rs., botins de bezerro francez e de Lisboa para homem e meninos, meios ditos das mesmas qualidades, sapatos de bezerro de entrada baixa, de uma e duas solas para homem e meninos, sapatos de couro de lustro, duraque, setim, cordavão, e marroquim tanto para senhora como para meninas, sapatos de marroquim e de couro de lustro com colchetes para meninos, sapatos de tapete para homem, sapatos com tamancos para homem e senhora, e outras muitas qualidades de calçado por preço commodo; no Aterro-da-Boa-vista n. 24, loja de Joaquim José Pereira.

= Vende-se jacarandá superior chegado do Rio de Janeiro, pedras de marmore redondas para mezas de meio de sala, de muito bom gosto, ditas para commodas, cadeiras americanas com assento de palhinha, camas de vento com armação, marquezas, sofás, mezas de jantar, camas de vento mui bem feitas a 4500, ditas de pinho a 3500, assim como outros muitos trastes; pinho da Succia com 3 pollegadas de grossura, dito serrado, dito americano de differentes larguras e comprimentos; assim como traves de pinho, e barrotes; na rua de Florentina em casa de J. Beranger.

= Vendem-se botijões de oleo de linhaça, enserados para cobrir mercadorias, e macacos para arrumação de carga; na rua do Amorim n. 15.

— Vende-se a casa de pasto da rua da Guia n. 7; a tratar na mesma.

= Vende-se no armazem de Francisco Dias Ferreira, defronte do guindaste da alfandega, o verdadeiro sabão branco hespanhol, e sevada a 1600 rs. a arroba.

= Vende-se vinho muscatel engarrafado, em porções, e marmelada em latas, tudo superior; na rua do Cabugá n. 16; e tambem por atacado, calçado de homem e de mulher, de todas as qualidades.

Escravos fugidos

= No dia 15 do corrente fugio o preto Izidro, meio buçal, de nação Quingolo, de 7 palmos de altura, de 18 annos, bem feito de corpo, braços, e pernas delgados, pés grandes e chatos, rosto descarnado e bem preto, olhos regulares e mui vivos, tem o beiço inferior cahido, sem ponta de barba, e debaixo do queixo uma cicatriz pequena com 1 monte de cabellos na mesma; levou calças de brim liso escuro, rotas no assento, e com um remendo, camisa de algodão da terra, de mangas curtas; quem o pegar, leve a venda do Loffler, na rua da Cruz n. 36, que receberá 20$ rs. de gratificação

= Dá-se 50$ rs. de gratificação a quem pegar, e levar a rua da Florentina n. 14 o preto José Ponchete, de nação Moçambique, de 20 annos, altura mais que regular, secco do corpo, com dous dentes de menos na frente da parte superior, rosto redondo, bastante retinto, quando falla gagueja alguma cousa, tem de costume ter sempre fumo na bocca; levou camisa de riscado azul, calças de panno preto ja velho; este preto é empalhador de obras de marcineiro; fugio no dia 24 do p. p.

Recife na Typ. de M. F. de Faria —1844.